



PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DO USO DE SMARTPHONE POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES BRASILEIROS: UMA ANÁLISE DESCRITIVA

Gabriel Fassina Ladeia¹, Paulo Ciotti Pereira², Leonardo Vidal Andreato³

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, Universidade Cesumar, Maringá, Paraná, Brasil. Bolsista PIBIC/ICETI-UniCesumar. gabrielf.ladeia@gmail.com

²Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, Universidade Cesumar, Maringá, Paraná, Brasil. paulo.ciotti.paulo@gmail.com

³Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde da Universidade Cesumar, Maringá, Brasil. E-mail: vidal.leo@hotmail.com

RESUMO

O uso de smartphones entre crianças e adolescentes no Brasil tem crescido rapidamente, acompanhando o avanço das tecnologias digitais e o aumento do acesso à internet. Este estudo teve como objetivo delinear o perfil sociodemográfico de jovens entre 9 e 17 anos que acessam a internet e fazem uso de smartphones, com base em dados da pesquisa TIC Kids Online Brasil 2024. O estudo demonstrou que 97,77% das crianças e adolescentes utilizavam celular para acessar a internet e 81% possuíam o próprio dispositivo, com maior prevalência nas classes sociais A e B e nas áreas urbanas. O acesso é frequente, sendo que 85% acessam a internet mais de uma vez ao dia, principalmente por meio de plataformas como WhatsApp (77%), YouTube (66%), Instagram (60%) e TikTok (50%). Esses achados ressaltam a importância de políticas públicas que considerem as características sociodemográficas e promovam o uso saudável da tecnologia, com apoio de pais, educadores e profissionais da saúde. A educação digital crítica e a mediação ativa são fundamentais para garantir que o acesso às tecnologias contribua positivamente para o desenvolvimento infantil e adolescente.

PALAVRAS-CHAVE: Celular; Saúde da criança; Saúde do adolescente; Tempo de tela.

1 INTRODUÇÃO

O avanço das tecnologias digitais e a popularização dos dispositivos móveis têm transformado significativamente o cotidiano de crianças e adolescentes nas últimas décadas. Mesmo que esse fenômeno represente um importante progresso no acesso à informação, existem preocupações crescentes sobre os efeitos psicossociais e cognitivos associados ao uso precoce e desregulado desses dispositivos. O tempo excessivo de exposição a telas está relacionado a quadros de ansiedade, distúrbios do sono, prejuízos na atenção e sedentarismo, especialmente em faixas etárias vulneráveis (LOLESKA; POP-JORDANOVA, 2021; MARIN; NUÑEZ; DE ALMEIDA, 2021).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024), 92,5% dos domicílios particulares permanentes brasileiros utilizam a internet, aumento de 1% em relação ao mesmo período de 2023, com crescimento em todas as grandes regiões, com destaque para o Nordeste. Nas áreas rurais esse crescimento foi mais acentuado, chegando a 81% dos domicílios. O principal meio de comunicação virtual utilizado pelo brasileiro é o Smartphone, com 96,7% dos acessos. O acesso à internet no país chega a 164,5 milhões de usuários (com 10 anos ou mais). Ainda, a pesquisa aponta que 94,3% dos usuários, utilizam o aparelho de forma habitual todos os dias. Em 2024, o número de crianças e adolescentes que utilizaram o telefone celular no período de referência dos últimos três meses foi de 84,2% na faixa etária de 10 a 13 anos e 93,7% na faixa etária de 14 a 19 anos em 2023.

Dados recentes do estudo TIC Kids Online Brasil (BRASIL, 2025b) revelam que 81% dos brasileiros de 9 a 17 anos possuem celular próprio, com maior prevalência entre jovens das classes sociais A e B (97%), em contraste com 77% nas classes D e E. Esse acesso,



muitas vezes individualizado, tem ampliado a autonomia digital de crianças e adolescentes e influenciado diretamente sua forma de interagir com o mundo. Além disso, nota-se um acesso cada vez mais precoce à internet, inclusive entre crianças de 6 a 8 anos, cuja proporção de usuários praticamente dobrou na última década. Esse fenômeno, embora represente avanços em inclusão digital, também acentua disparidades socioeconômicas, sobretudo no que diz respeito à qualidade da conexão, ao tipo de uso e à mediação adulta do conteúdo acessado (BRASIL, 2025a).

O uso intensivo de smartphones entre crianças e adolescentes tem impactado diretamente seus hábitos comportamentais e sociais. Relatório da *Mobile Time & Opinion Box* aponta que jovens utilizam o celular entre quatro e seis horas diárias, com foco em redes sociais como TikTok, Instagram e WhatsApp. Esse padrão de consumo promove novas formas de socialização, mas também altera a dinâmica das relações interpessoais e familiares (MOBILE TIME; OPINION BOX, 2024).

O uso precoce e prolongado de smartphones tem sido associado a diversas repercussões psicossociais e cognitivas no desenvolvimento infantil. A exposição excessiva às telas está relacionada ao aumento de casos de ansiedade, irritabilidade, déficit de atenção, distúrbios do sono e sedentarismo (GOMES; GAMA, 2024). Esses efeitos tendem a se intensificar em contextos de ausência de supervisão e falta de limites no uso de dispositivos.

Estudos indicam que o tempo de tela excessivo pode estar associado à substituição de atividades físicas e interativas, à redução da concentração em tarefas escolares e ao isolamento social (DE LIMA; DE SOUZA, 2023). Há ainda preocupações por parte de pais e educadores com relação à exposição a conteúdos inapropriados, ao *cyberbullying* e à dependência digital. A presença constante em ambientes virtuais pode influenciar negativamente a construção da identidade e da autoestima, especialmente na adolescência (Morais; Silva, 2023).

Adolescentes com uso intensivo de smartphones chegam a verificar seus aparelhos mais de 100 vezes por dia, o que compromete o desempenho escolar, a capacidade de concentração e a estabilidade emocional (DE LIMA; DE SOUZA, 2023). Tais achados reforçam a importância da educação digital crítica e da presença ativa de pais, professores e profissionais da saúde na mediação do uso tecnológico entre jovens.

Nesse contexto, o Ministério da Educação (BRASIL, 2025a) destaca a necessidade de orientações práticas para o uso saudável das tecnologias, sugerindo limites de tempo de tela por faixa etária, estratégias de mediação ativa e incentivo ao uso pedagógico e criativo dos dispositivos digitais. Estudos indicam que o tempo excessivo de exposição a telas está relacionado a quadros de ansiedade, distúrbios do sono, prejuízos na atenção e sedentarismo, especialmente em faixas etárias vulneráveis (DE LIMA; DE SOUZA, 2023; GOMES; GAMA, 2024)

Assim, o objetivo deste trabalho foi analisar o perfil sociodemográfico das crianças e adolescentes com idades de 9 a 17 anos que acessam a internet e fazem uso de smartphones, assim como a frequência de acesso.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Os dados foram analisados a partir dos resultados da pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil, TIC Kids Online Brasil 2024 (BRASIL, 2025b). O estudo teve como população crianças e adolescentes de 9 a 17 anos, residentes em domicílios particulares no Brasil. A coleta de dados foi realizada de março a agosto de 2024, em todo território nacional. Ao todo, foram entrevistados 2.424 crianças e adolescentes mediante entrevistas presenciais com aplicação de questionário estruturado.



A amostra foi selecionada por um desenho amostral probabilístico de múltiplos estágios. Inicialmente, foram selecionadas aproximadamente 1.080 Unidades Primárias de Amostragem (UPA), correspondentes a cerca de 2.160 setores censitários, com previsão de coleta em 15 domicílios por setor, totalizando uma amostra estimada de 32.400 domicílios. A seleção dos domicílios dentro de cada UPA seguiu o procedimento de amostragem aleatória simples, após listagem completa e atualizada de todos os domicílios presentes na área. Os entrevistadores realizaram o arrolamento dos domicílios e, posteriormente, selecionaram aleatoriamente cerca de 30 domicílios em cada UPA para aplicação das entrevistas. O protocolo de pesquisa foi conduzido respeitando as normas éticas vigentes, assegurando o consentimento informado dos participantes e o sigilo dos dados coletados.

Foram analisadas as frequências absolutas e relativas de crianças e adolescentes que relataram ter acesso a internet desde um telefone celular, de acordo com categorias sociodemográficas. A pesquisa foi realizada em 23.856 domicílios em 643 municípios distribuídos em todas as unidades da federação e categorizadas por variáveis sociodemográficas como área de residência, região, sexo, escolaridade dos pais ou responsáveis, faixa etária, renda familiar, classe social, cor ou raça e se o domicílio possui acesso à internet.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A prevalência de acesso ao celular foi 97,77% no total da amostra, composta por 23.856 domicílios em 643 municípios distribuídos nas unidades da federação. As crianças e adolescentes da área urbana apresentaram maior acesso (98,08%) em comparação àqueles da área rural (95,80%). Regionalmente, os maiores percentuais foram observados no Sudeste (98,80%) e Centro-Oeste (98,43%), enquanto as menores prevalências ocorreram no Norte (96,04%) e Nordeste (96,77%).

Em relação ao sexo, observou-se uma distribuição semelhante entre meninos (97,67%) e meninas (97,85%). O grau de escolaridade dos pais ou responsáveis parece não afetar se a criança possui dispositivo eletrônico ou não, porém com maior prevalência entre aqueles com ensino médio completo (98,26%). A faixa etária foi dividida em 4 categorias (9 a 10, 11 a 12, 13 a 14 e 15 a 17), onde foi observado maior prevalência de aparelhos celulares entre os adolescentes e 15 a 17 anos (99,51%) e menor entre as crianças de 9 a 10 anos (95,08%).

A renda familiar parece não ser um fator determinante para a criança possuir aparelho celular ou não, sendo que 97,66% daqueles com renda de até 1 salário mínimo, possuíam smartphone. Até mesmo entre aqueles que se declararam sem renda ou que não soube responder, o percentual de aparelhos celulares foi de 100% e 98,90%, respectivamente. As classes sociais foram agrupadas em “A e B”, “C” e “D e E”. Observa-se que, nas classes ABC, 98,61% possuíam aparelho celular, enquanto a classe DE a prevalência era de 96,51%. Ainda, a amostra da classe C, que representava mais de 11 milhões (46% do total da amostra), 98,8% possuíam smartphones.

Em relação a cor e raça, observa-se que aqueles que entre aqueles que se declararam brancos, 99,09% possuíam aparelho celular, por outro lado, aqueles que se declararam pretos e pardos, representando 63,15% da amostra total, 97,52% possuíam smartphone. Simultaneamente, daqueles que possuíam acesso a internet no domicílio, representando 93% do total da amostra, 98,04% possuíam aparelho celular. Em contrapartida, aqueles sem acesso à internet no domicílio, somente 92,23% possuíam smartphones.

Em relação a frequência de acesso à internet por meio do smartphone, 85,35% das crianças e adolescentes relataram que realizavam o acesso mais de uma vez ao dia. Não



houve diferença significativa em relação ao gênero ou na escolaridade dos pais ou responsáveis. Regionalmente, os maiores percentuais foram observados no Sudeste (90,81%), seguido pelas regiões Centro-oeste, Sul e Nordeste (83,89%, 83,48% e 83,43%) enquanto a região Norte apresentou o percentual mais baixo das grandes religiões (73,46%). Paralelamente, a classe social e renda familiar parecem influenciar a frequência de acesso, onde quanto mais elevada, maior a frequência diária. Por fim, cor e raça parecem influenciar, onde indígenas e pretos apresentaram a menor frequência de acesso (59,20% e 75,18%) daqueles que acessam a internet mais de uma vez por dia.

Comparando com dados de outros países, como os Estados Unidos, os percentuais de posse de smartphones são semelhantes, 95% dos adolescentes americanos possuem celulares (PEW RESEARCH CENTER, 2023). Entretanto, a desigualdade na frequência e na qualidade do acesso entre grupos sociais no Brasil é mais acentuada, especialmente quando se considera os recortes por raça, localização e classe social.

Agora, em relação às plataformas digitais mais utilizadas pelas crianças e adolescentes que acessam a internet mais de uma vez ao dia foram o WhatsApp (77%), Youtube (66%), Instagram (60%) e TikTok (50%). Ainda, observa-se um maior percentual de acesso dos adolescentes em plataformas de interação social como Instagram e TikTok, enquanto as crianças acessaram mais plataformas de vídeo, como é o caso do YouTube, sugerindo um padrão de consumo de conteúdo de acordo com a faixa etária. Por fim, observou-se que, das crianças e adolescentes de 9 a 17 anos que acessam a internet, 83% possuíam perfil próprio em redes sociais, com uma incidência maior conforme a idade aumenta.

Uma pesquisa com 772 adolescentes de 15 a 17 anos encontrou uma associação positiva entre o uso excessivo do smartphone (acima de 2 horas por dia) e constante sentimento de tristeza. Ainda, grande parte dos adolescentes (93,1%) não atingiam o nível mínimo de recomendação de atividade física diária (60 minutos por dia). Em relação aos que praticavam atividade física, a prevalência de sentimento de tristeza foi menor (PIOLA et al., 2025). Em uma meta-análise com 19 estudos e mais de 21.000 crianças e adolescentes, encontraram uma correlação positiva entre traumas na infância e dependência da internet, alertando aos pais a prestarem mais atenção ao ambiente e as experiências dos adolescentes vinculado ao uso excessivo de smartphones (TANG et al., 2024)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados deste estudo indicam o telefone celular como o principal meio de acesso à internet entre crianças e adolescentes no Brasil. As disparidades observadas entre áreas urbanas e rurais, bem como entre diferentes regiões geográficas, evidenciam a relevância de se considerar variáveis sociodemográficas na formulação de políticas públicas voltadas à saúde e ao desenvolvimento infantojuvenil.

A elevada proporção de crianças e adolescentes com acesso individual a dispositivos móveis revela um cenário de conectividade generalizada, ainda que permeado por desigualdades territoriais. Nesse contexto, destaca-se a necessidade de desenvolvimento de estratégias públicas que contemplem não apenas o acesso às tecnologias, mas também os potenciais efeitos decorrentes do uso precoce e intensivo desses dispositivos, especialmente em contextos com menor infraestrutura e recursos de mediação familiar ou institucional.

Por fim, esses resultados reforçam a importância de abordagens intersetoriais, que articulem as áreas da educação, saúde, assistência social e tecnologia, de modo a mitigar riscos e promover o uso qualificado e seguro das tecnologias digitais na infância e adolescência.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Crianças, adolescentes e telas: guia para uso consciente de dispositivos eletrônicos**. Brasília: MEC, 2025a.

BRASIL. Comitê Gestor da Internet no Brasil –CGI. **TIC Kids Online Brasil 2014: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil**. São Paulo: CGI.BR, 2024 Disponível em: <https://cetic.br/pesquisa/kids-online/>. Acesso em: 05 jun. 2025b.

DE LIMA, R. M.; DE CASTRO, R.; DE SOUZA, J. C. P. Adicção de aparelho celular na adolescência. **Revista Contemporânea**. v. 3, n. 10, p. 18279–18303, 2023.

GOMES, B. R.; GAMA, E. E. C. A era digital: os impactos da tecnologia para o desenvolvimento infantil. **Revista Contemporânea**. v. 4, n. 11, p. 1–22, 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

LOLESKA, S.; POP-JORDANOVA, N. Is smartphone addiction in the younger population a public health problem? **Prilozi**. v. 42, n. 3, p. 29–36, 2021.

MARIN, M. G.; NUÑEZ, X.; DE ALMEIDA, R. M. M. Internet addiction and attention in adolescents: a systematic review. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**. v. 24, n. 4, p. 237–249, 2021.

MOBILE TIME; OPINION BOX. **Crianças e adolescentes com smartphones no Brasil**. Out. 2024. Disponível em: <https://www.mobiletime.com.br/pesquisas/>. Acesso em: 05 jun. 2025.

PEW RESEARCH CENTER. **Teens, social media and technology 2023**. Washington, DC: Pew Research Center, 2023.

PIOLA, T. S. et al. Relação entre o sentimento de tristeza, o nível de atividade física e o uso do celular em adolescentes. **Cadernos Saúde Coletiva**. v. 33, n. 1, p. e33010370, 2025.

TANG, H. et al. The relationship between childhood trauma and internet addiction in adolescents: a meta-analysis. **Journal of Behavioral Addictions**. v. 13, n. 1, p. 36–50, 2024.